



Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Centro de Educação

Licenciatura em Pedagogia

Silvana de Lima Arruda

**TRAJETÓRIAS DE VIDAS DE MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS - EJA**

**João Pessoa-PB
2014**

SILVANA DE LIMA ARRUDA

**TRAJETÓRIAS DE VIDAS DE MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS - EJA**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade federal da Paraíba
(UFPB), como requisito para obtenção do título
de licenciatura plena em pedagogia.

Orientador: Professor (Dr.) Charliton José dos
Santos Machado

João Pessoa-PB

2014

SILVANA DE LIMA ARRUDA

**TRAJETÓRIAS DE VIDAS DE MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS - EJA**

AVALIADORES:

----- (Orientador)
Prof. Dr Charliton José dos Santos Machado

----- (Membro avaliador)
Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva

----- (Membro avaliador)
Me. Márcia Cristiane Ferreira Mendes

João Pessoa-PB

2014

RESUMO

Este TCC tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa “TRAJETÓRIAS DE VIDAS DE MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA”, realizada no âmbito do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPB. A metodologia utilizada no estudo durante a pesquisa permitiu desenvolver análises relacionadas com os estudos de gênero, a partir de entrevistas semi-estruturadas e pautadas na metodologia da história oral, com duas alunas em processo de formação escolar. Nessa perspectiva, o estudo toma como preocupação relevante discutir os porquês de algumas mulheres estarem em salas de aula, mesmo após um dia de labuta fora ou no interior do lar, nos constantes afazeres domésticos. O estudo está amparado nos pressupostos da produção historiográfica, realizada especialmente por historiadores da nova história cultural. Portanto, a partir de suas contribuições buscou-se dar visibilidade e voz a um sujeito que durante muito tempo ficou fora das versões da historiografia oficial, ou ocupou espaços mínimos e marginalizados, embora tenha participado ativamente do processo histórico, no caso em estudo, as mulheres em processo de reinserção escola na EJA.

PALAVRAS CHAVE: Trajetórias de vida. EJA. Mulheres. Gênero.

ABSTRACT

This CBT aims to present search results "PATHS OF LIVES OF WOMEN IN YOUTH AND ADULT EDUCATION - AYE", held under the Bachelor of Pedagogy UFPB. The methodology used in the study during the study allowed developing analyzes related to gender studies, from semi-structured interviews and guided by the methodology of oral history, with two students in the school education process. In this perspective, the study takes as relevant concern discuss the reasons some women are in classrooms, even after a day of toil outside or inside the home, in constant housework. The study is supported on the assumptions of historical production, performed especially by historians of the new cultural history. Therefore, from their contributions we sought to give visibility and voice to a subject that has long been out of the versions of the official historiography, or minimum and marginalized spaces occupied, although the historical process actively participated in the case study, women in the process of reintegration in school EJA.

KEYWORDS: Life paths. EJA. Women's. Genre.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus por seu amor infinito, por ter me dado condições físicas e emocionais nessa caminhada de muitos desafios e por me sustentar nos momentos em que tive vontade de desistir. Obrigada Senhor por tudo!

Ao meu orientador Professor Charliton José dos Santos Machado, que me recebeu com muito carinho e através da sua dedicação me possibilitou concluir este trabalho com louvor. Não tenho palavras para agradecer, só dizer muito obrigada!

A professora Laura, por nos apresentar o universo da Educação de Jovem e adulto. Por sua dedicação, amor e responsabilidade com esta área;

A minha mãe, Ozana M^a Gonçalves de Lima, mulher amorosa, valente, inteligente e sábia, por está ao meu lado em todos os momentos e por nunca ter me exigido nada nesse momento de conquista;

Ao meu pai, Severino Saraiva de Arruda, que apesar de ser um homem calado, sempre torceu pelas conquistas de seus filhos;

Ao meu amado esposo, pela dedicação e paciência demonstradas em nosso dia a dia e durante a elaboração deste trabalho que, apesar de tempos difíceis, foram os primeiros de um casamento forte e eternamente abençoado por Deus;

Agradeço por fim, aos meus amig@s Karla e Lucas, pela amizade que ultrapassa a esfera da universidade, tornando-se amizades verdadeiras.

“Ninguém ignora tudo.
Ninguém sabe tudo. Todos nós
sabemos alguma coisa. Todos
nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre”.
(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1. Considerações iniciais.....	10
2. Caminhos teóricos da pesquisa.....	12
3. Pistas metodológicas.....	14
4. Reflexões sobre a EJA no Brasil: o desafio das mulheres.....	16
4.1 As mulheres e a EJA: percalços e lutas.....	20
5. Desvelando narrativas sobre Educação de Jovens e Adultos.....	23
Considerações finais.....	29
Referências.....	32

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O referido estudo nasceu de inúmeras preocupações de pesquisas no interior do projeto de iniciação científica CNPq: “Educação e educadoras na Paraíba do século XX: leituras, práticas e representações”. Neste, o grande referencial temático foi consubstanciado pelas problemáticas de gênero e Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

Nessa perspectiva, esse estudo toma como preocupação relevante discutir os porquês de algumas mulheres estarem em salas de aula, mesmo após um dia de labuta fora ou no interior do lar, nos constantes afazeres domésticos.

Portanto é o objeto desse estudo: as trajetórias de vidas de mulheres adultas, inseridas na educação de jovens e adultos em uma escola estadual da cidade de João Pessoa-PB. Já o objetivo geral buscou analisar trajetórias de vidas de mulheres em processo de formação escolar na educação de jovens e adultos- EJA.

Privadas do acesso à educação, diversas mulheres, sobretudo, mulheres que desde cedo tiveram que cuidar dos filhos, marido, da casa e trabalharem no espaço privado ou público, colocaram seus projetos de formação educacional em segundo plano.

No que diz respeito às histórias de mulheres, por muito tempo estas lutaram para adquirir direitos mínimos, direitos em trabalhos públicos e privados, direitos de votar e serem votadas. As lutas e os acontecimentos que nortearam a vida de diversas mulheres foram e ainda são episódios importantíssimos para a nossa sociedade. No Brasil, a luta das mulheres pelos seus direitos teve uma influência direta de Bertha Lutz na década de 1920, que nunca deixou a causa e se manteve envolvida até avançada idade.

Diante desses acontecimentos em busca da cidadania, é que podemos entender as lutas de diversas mulheres na sociedade atual, pois as mulheres que no passado lutaram por seus direitos, deixaram um legado que não parou de crescer, hoje em dia, podemos perceber milhares de mulheres que, de forma corajosa encaram uma rotina de trabalho em paralelo com o ritmo doméstico, tudo isso só é possível devido aos direitos

adquiridos por várias militantes dos movimentos feministas em vários países e no Brasil.

Partindo dessa compreensão, há de se indagar: quais foram os motivos para ficarem sem acesso a educação fora dos períodos de regularidade escolar? O que tem estas mulheres a dizer das suas experiências não escolarizadas? Quais as implicações econômicas, sociais e culturais destas mulheres inseridas na EJA? Que identidades cultivam? O que almejam alcançar no processo educativo?

A partir destas questões buscou embasar, tanto no campo teórico, como na investigação, a partir do levantamento de fontes orais ao longo desta pesquisa de TCC.

O TCC está dividido em 5 (cinco) capítulos. O primeiro, considerações iniciais, o segundo intitulado “Caminhos teóricos de pesquisa”, referenda a base de leituras do estudo focada em autores situados no campo da Nova História Cultural, resultantes das leituras da Iniciação Científica.

O terceiro capítulo, intitulado “Pistas metodológicas” baseia-se nas leituras realizadas e que foram fundamentais na orientação de cada passo da nossa investigação.

O quarto capítulo, intitulado “Reflexões sobre a EJA no Brasil: o desafio das mulheres” atualiza algumas contribuições sobre a temática central, com ênfase à participação de mulheres.

O quinto e último capítulo, intitulado “Desvelando narrativas sobre a educação de Jovens e Adultos”, se apoia nas falas da investigação ao longo da pesquisa e da análise empreendida sobre estas.

Portanto, parte-se da compreensão de que o referido estudo, além de relevante à história e memória da educação, contribuirá com o conhecimento social, político e histórico da EJA na Paraíba.

Por fim, busca-se aqui, desvelar dificuldades, preconceitos, traumas, sonhos entre outras questões fundamentais que permeiam a vida de mulheres nesse processo de formação escolar na Educação de Jovens e Adultos.

CAMINHOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Durante muito tempo a história foi contada por homens, no entanto, na contemporaneidade, há um grande interesse em se pesquisar as mulheres como participantes da história.

Do ponto de vista histórico, a função da mulher consistia “em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã”; ao homem, “cabia a representação legal da família, a administração dos bens comuns do casal e dos particulares da esposa segundo o regime matrimonial adotado, o direito de fixar e mudar o local de domicílio da família”, além de ser responsável pela manutenção da família. “A ele, a identidade pública; a ela, a doméstica.” (MALUF; MOTT, 1998, p. 374- 379).

Nesse sentido, buscando novas investidas de atuação da pesquisa, significa dar visibilidade e voz a um sujeito que durante muito tempo ficou fora das versões da historiografia oficial, ou ocupou espaços mínimos e marginalizados, embora tenha participado ativamente do processo histórico.

Esse debate foi possível graças à revisão da produção historiográfica, realizada especialmente por historiadores da nova história cultural. A partir dessa análise, sinalizou-se a necessidade de serem incorporadas novas fontes para um conhecimento historiográfico mais abrangente da realidade (Burke, 1992). Nessa perspectiva, a recuperação da memória feminina é uma questão fundamental na escrita da história, seja porque permanecem como um grupo que historicamente não foi investigado ou porque compõem um grupo social que continua a sofrer diversas formas de opressão e de exclusão.

Nesse universo de investigação, as temáticas sobre o campo educacional sempre estiveram presentes, seja quando os estudos se referiam às questões da educação escolar, seja quando focalizavam as dimensões educativas das vivências dos indivíduos dentro e fora da escola.

As reflexões trazidas por esta nova configuração do campo da história e o interesse pela vida e memória de alunas de vida comum, deram origem a esta pesquisa que tem como objeto de estudo as trajetórias de vidas de mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Assim, como já sinalizado na introdução, busca-se empreender a investigação a partir dos seguintes

questionamentos iniciais: quais foram os motivos para ficarem sem acesso a educação fora dos períodos de regularidade escolar? O que tem estas mulheres a dizer desta experiência não escolarizada? Quais as implicações econômicas, sociais e culturais destas mulheres inseridas na EJA? Que memórias cultivam? O que almejam alcançar no processo educativo?

Diante da problemática descrita e dos objetivos pretendidos, os estudos e leituras que subsidiarão este trabalho vinculam-se a um universo teórico voltado para a compreensão dos atores sociais através da vida cotidiana. Desse modo, privilegiarei autores que assinalam a importância da descoberta de novos objetos e problemas, bem como das análises construídas a partir de crenças, representações e práticas cotidianas.

Essa perspectiva se abre para as práticas culturais, com destaque para a obra de Roger Chartier (1994) na qual constrói as noções de representação, prática e apropriação como forma de compreender os objetos históricos em sua dimensão cultural. Levando-se em conta a importância da memória nos relatos de vida de professoras, os estudos de Jaques Le Goff (1999) sobre a abordagem histórica da memória como fonte do passado no presente, Michael Pollak (1992) com os estudos que versam sobre memória social e Ecléa Bosi (1995), também serão referências para este trabalho.

As reflexões de Michel de Certeau (1994) em torno das pessoas “ordinárias”, suas astúcias e criatividade, assim como as reflexões de Paul Thompson (1992) sobre a história oral como metodologia de pesquisa no campo da história, também serão referências valiosas para esta pesquisa. Entre os autores brasileiros que serão referenciados, destacam-se Carlos Sebe Bom Meihy e Verena Alberti.

Apoiada na produção intelectual destes pensadores, este estudo parte do pressuposto de que o espaço social, o sujeito e sua trajetória são uma possibilidade, sendo antes o resultado do percurso, das escolhas, das experiências vividas, das relações estabelecidas. Não estando dados e prontos a priori, eles são a própria história e não condição para o seu desenrolar.

1. PISTAS METODOLÓGICAS

Este estudo sobre as trajetórias de vidas de mulheres em processo de formação escolar na Educação de Jovens e Adultos – EJA, em João Pessoa-PB, converge com a demanda de desafios que se apresenta ao Brasil, qual seja: erradicar o analfabetismo e consolidar a cidadania do conhecimento na educação.

Nesse particular, a mulher tem papel fundamental, haja vista sua exclusão histórica da educação brasileira, sedimentada por uma cultura de exclusão e preconceito patriarcal, cuja saída das mulheres do reduto do lar e do trabalho para a escola, tenha sido marcada pela desigualdade de possibilidades escolares e do acesso ao conhecimento.

Nesse sentido, a alternativa metodológica mais adequada para responder às demandas postas por este estudo é a história oral, reconhecida por valorizar a memória dos sujeitos, resgatando a tradição oral e as experiências vividas por atores sociais colocados à margem da história tradicional. Para Meihy (1996, p.10), a fonte oral é “[...] uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”. A autora considera que ela “garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem”.

Chartier (2002, p.84) também faz referência ao relato como uma singularidade da história, pelo fato de manter uma relação específica com a verdade, pois as construções narrativas pretendem ser “a reconstituição de um passado que existiu”.

Thompson (1992, p.22) define a história oral como prática social que pode gerar mudanças que transformam tanto o conteúdo quanto a finalidade da história, posto que altera o enfoque da própria história e revela novos campos de investigação, podendo derrubar barreiras entre os sujeitos.

A partir deste entendimento, narrativa construída neste trabalho, com base no objeto de pesquisa e em sua problematização, foi realizada prioritariamente com fontes orais, no entanto, sem com isso romper com o diálogo com fontes documentais.

Esse recurso metodológico foi utilizado para a obtenção de dados sobre aspectos específicos da trajetória de vida das mulheres em processo de formação escolar na Educação de Jovens e Adultos – EJA, em João Pessoa-PB. Como técnica de pesquisa apliquei entrevistas de história ou trajetória de vida e do depoimento oral, que incidiram sobre um determinado tempo e espaço históricos. Particularmente, optei pelo depoimento oral por não pretender realizar uma construção biográfica detalhada, mas trazer elementos da vida dessas mulheres, ou de um período das suas vidas que interessava de modo particular, neste caso, sua formação no contexto de mudanças das práticas educativas relacionadas a EJA.

Portanto, as entrevistas que foram realizadas possibilitaram um mergulho no cotidiano do passado e do presente dessas mulheres, tendo como objetivo reconstituir as histórias de vida com relação às suas práticas educativas dentro e fora do espaço escolar. Na perspectiva de trabalho da história oral, as entrevistas realizadas se enquadram na forma de depoimentos orais, pelo fato de focalizarem a rememoração das vidas das mulheres entrevistadas.

2. REFLEXÕES SOBRE A EJA NO BRASIL: O DESAFIO DAS MULHERES

A Educação de Jovens e Adultos está inserida na história há vários séculos, porém, a luta por uma educação de qualidade e a garantia do acesso tem, também, caminhado a passos lentos.

Nesse particular, desde as últimas décadas no Brasil tem se reivindicado uma política eficaz, com diretrizes que sejam colocadas em práticas, juntamente com uma formação adequada de seus profissionais, deixando de lado as ações de cunho assistencialista.

No Brasil a educação básica só teve seus direitos adquiridos depois de muitos anos de lutas e conquistas travadas através de um cenário conflituoso. Cenário esse que não se difere da educação de jovens e adultos. Porém, a EJA apenas adquiriu propagação no decorrer do século XX. Até então, as chances de uma alfabetização para os menos favorecidos eram mínimas, só quem poderia conquistar essa educação eram as pessoas livres e portadoras de fartos bens materiais, ficando de fora os negros, trabalhadores do campo e da cidade e, principalmente, as mulheres.

Ao mergulhar na história, tento entender como era a educação no Brasil, sempre marcada pela lógica da catequização, ou seja, desenvolvida pelos Jesuítas, com claros objetivos de doutrinação do catolicismo, atrelada a uma instrução metódica e oral.

Esses métodos buscavam a todo custo ensinar aos indígenas a língua portuguesa, acarretando na tirada brusca de sua identidade. Essa instrução não estava direcionada apenas as crianças, os adultos também eram instruídos, deixando de lado as mulheres, consideradas portadoras de baixa “natureza intelectual”.

. Com o fim das ações jesuítas em 1759 a educação passa a ficar sobre o comando do Império, desencadeando um verdadeiro desastre para a educação brasileira, pois, apesar da fragilidade e exclusão dos jesuítas, a instrução passou a ficar restrita apenas aos homens de poder econômico e político.

Nasce desse período, a instrução elitizada. Em contrapartida, a educação destinada aos pobres, jovens e adultos, passaram a ser em forma de caridade, ou seja, as pessoas que não tinham qualificação adequada faziam de forma errônea a instrução.

Outra forma de instrução ocorria pelas pessoas que detinham o conhecimento e alegavam que seria necessário instruir essa camada da população, pois, a mesma causava certos desconfortos à sociedade, já que seus comportamentos e ações ficavam distantes dos requintes e luxos de uma sociedade tão burguesa. Não se pode esquecer que essa camada da população não letrada e nem instruída, era uma camada muito grande da população brasileira.

Ainda no Império por volta de 1872, foi feito o primeiro recenseamento nacional brasileiro onde foi possível mostrar que, 82,3% das pessoas que tinham mais de cinco anos de idade eram analfabetas (UNESCO, 2008). Muito antes dessa verificação, em 1824 com a Constituição Imperial, a mesma tinha como garantia oferecer instrução primária para todos os cidadãos. No entanto essa garantia não saiu do papel e os que necessitavam desse direito ficaram mais uma vez esquecidos pelos órgãos públicos.

No ano de 1890, um ano após a Proclamação da República, quando já se passavam dezoitos anos do primeiro recenseamento, foi constatada a mesma porcentagem de analfabetos no Brasil. Quando se iniciou o período republicano as questões de alfabetização e de instruções eram elementos importantes nos discursos intelectuais e políticos, pois, os republicanos declaravam que o analfabetismo era uma vergonha nacional (UNESCO, 2008).

Por outro lado existia uma camada elitizada da sociedade que excluía os analfabetos impedindo os mesmo de exercer algum tipo de direito. No ano de 1879 na reforma Leôncio de Carvalho, a mesma declarava que os analfabetos eram dependentes e incompetentes e por isso não poderiam votar. A situação dos analfabetos e excluídos, cabe aqui ressaltar, homens e, sobretudo, mulheres pobres, negros e negras recém libertos (HISTEDBR, 2010), era uma situação que ficava cada vez mais difícil, isso porque em

1891 a constituição republicana dava total garantia de voto apenas as pessoas que eram alfabetizadas e as de poder econômicos elevados.

Nesse caso estava claramente explícito que a maioria da população não poderia colocar no poder os governantes que iria fazer algo pelos menos favorecidos, com isso, o poder político ficava restrito apenas a uma pequena minoria.

Em meio a essas discriminações no começo do século XX, os analfabetos eram vistos como um indivíduo que trazia prejuízos para o bom desenvolvimento do Brasil, por isso “em 1915 foi criada a Liga Brasileira Contra o Analfabetismo, que entre outras questões, pretendia lutar contra a “ignorância” dos mais pobres e para estabilizar a grandeza das instituições republicanas”. (HISTEDBR, 2010, p.52).

Nos anos de 1950, grande parte da população brasileira ainda estava fora da vida política, haja vista que, a metade da população era analfabeta. Nesse contexto foram implementadas as primeiras políticas públicas nacionais destinadas à instrução dos jovens e adultos (UNESCO, 2008). Foi nesse período que se “estruturou o Serviço de Educação de Adultos do Ministério da Educação e teve início a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA)”. (UNESCO, 2008. P.21). Porém, tais iniciativas que tentavam garantir uma educação voltada para os jovens e adultos, ainda era alvo de muitas críticas como desvela documento histórico da Unesco (2008, p.21)

No final dos anos 50, inúmeras críticas foram dirigidas às campanhas, devido ao caráter superficial do aprendizado que se efetivava num curto período de tempo e a inadequação dos programas, modelos e materiais pedagógicos, que não consideravam as especificidades do adulto e a diversidade regional.

Já na década de 1960, o Brasil foi cenário de grandes acontecimentos, principalmente pela força da imposição do regime ditatorial implantado. Na esfera política buscou-se conter o fervor e movimentação das novas práticas de alfabetização, anteriormente produzidas e implementadas por Paulo Freire junto com os movimentos sociais.

A ditadura vai se deparar com uma bandeira de luta pela alfabetização de jovens e adultos, rigorosamente aliada aos movimentos sociais.

Com a ditadura, a experiência da educação passou para as mãos do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), projeto criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando *"conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida"*. (UNESCO, 2008).

Criado e mantido pelo regime militar, durante anos, jovens e adultos frequentaram as aulas do MOBRAL, cujo objetivo era proporcionar alfabetização e letramento a pessoas acima da idade escolar convencional. Conflitando com as matrizes da educação de jovens e adultos preconizadas por Paulo Freire, o MOBRAL visava atender a demanda por educação sob a ótica da alienação e do preconceito para com os analfabetos do país.

Todavia, as questões políticas iniciadas nos anos 80 inviabilizaram a continuidade do MOBRAL, que demandava altos recursos para se manter. Seus Programas foram assim incorporados pela Fundação Educar que perdurou por boa parte dos anos de reabertura, sem com isso, também, responder aos desafios educacionais preconizados posteriormente pela Constituição de 1988.

Finalmente, em 2003, o Ministério da Educação reassumiu as responsabilidades para com a EJA, quando cria o Programa Brasil Alfabetizado, sem que essa iniciativa suprima a continuidade das demais.

Assim, vem se constituído a história da EJA no Brasil, hoje através de fóruns estaduais, regionais e da realização de encontros nacionais dos segmentos que atuam com essa modalidade de ensino para discutirem as políticas de educação do país e se fazer cumprir o que estabelece a Constituição de 1988, no Art.208.

Convém resaltar aqui dois importantes acontecimentos que fizeram parte da história da educação de jovens e adultos na Paraíba, década de 60, no auge da Ditadura Militar. Assim como em outros Estados do Brasil a Paraíba também tinha altos índices de analfabetismo.

Um dos movimentos importantes ocorridos na Paraíba foi a (CEPLAR)- Campanha de Educação Popular, movimento importantíssimo que tinha como base os métodos de Paulo Freire, a CEPLA surgiu na Paraíba em 1961, nesse mesmo período ocorria também SIREPA -(Sistema Rádio Educativo da Paraíba). A SIREPA por sua vez, teve sua origem na Colômbia no ano de 1947, onde esse movimento acarretou na alfabetização de cerca de 800 mil jovens que escutavam o rádio. Devido ao sucesso nesse país, o SIREPA chega ao Brasil em 1957, as escolas radiofônicas foram instaladas em cada Estado do Brasil, na Paraíba os números de escolas nessa modalidade tiveram em torno de 600 escolas radiofônicas espalhadas no Estado da Paraíba.

Enquanto isso a CEPLAR promovia uma educação que tinha como meta alfabetizar, porém, essa alfabetização tinha um método crítico reflexivo. Para isso, seus alfabetizadores recebiam treinamentos de acordo com a realidade brasileira. Por conta dessa mudança social, boa parte da elite brasileira incomodou-se ao ver que, boa parte da população iria ter conhecimento político, econômico social e cultural. Com isso a CEPLAR como outros movimentos da época foram perseguidos e fechados devido a especulações dos responsáveis pelo golpe militar que afirmavam que a CEPLAR tinha ligação com o movimento comunista, o golpe militar o destruiu buscando evitar uma resistência por parte daqueles que eram instruídos nesta campanha.

3.1 As mulheres e a EJA: percalços e lutas

Pensar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) exige um olhar diferenciado sobre a participação das mulheres, em regra vítimas de um histórico de exclusão educacional no Brasil. Ou seja, suas trajetórias sempre foram marcadas pela submissão ao gênero oposto. Apesar das lutas pelo seu espaço na sociedade, ainda encontram entraves na conquista de seus direitos.

Assim, debater a questão da mulher na EJA, exige compreender que as questões em torno de gênero são construídas social e culturalmente, portanto, desencadeadas na sociedade em que o indivíduo está inserido, sendo um processo contínuo e histórico. Desse modo, a EJA não pode ficar distante desse papel, pois faz parte da sociedade e conseqüentemente é local privilegiado das relações sociais, culturais e históricas.

Nesse processo, tais questões remetem à história da Educação no nosso país, marcada pela permanente negação da participação das camadas menos favorecidas, sobretudo das mulheres, à escolarização, como vimos anteriormente.

A mulher, pela sua condição histórica e cultural que lhe é atribuída, sempre encontrou enormes dificuldades para se inserir e, sobretudo, manter-se na escola de forma regular no Brasil.

No Brasil, o (re) ingresso na escola por parte das mulheres é algo recente, atendendo às demandas pela profissionalização da docência primária no início do século. (LOURO, 1997), numa conjuntura em que se advogava a expansão da educação como condição fundamental para o desenvolvimento e civilização nacional. Por isso, cabe reforçar que, historicamente, houve de fato um processo tardio da inserção das mulheres na educação brasileira. Nesse sentido, Machado e Nunes (2011, p. 9) afirmam “não ser possível compreender essa história desvinculada das relações de gênero”.

Nesse cenário, coube formar prioritariamente mulheres de camadas abastadas, mesmo assim, poucas delas conseguiam avançar para o ensino superior, alargando o distanciamento histórico, a partir de papéis e funções socialmente instituídas do que sempre foi identificado como ser homem ou mulher.

Nesse sentido, pode-se afirmar que ao longo de muitas décadas, sempre foi uma prioridade menor de o Estado prover o acesso à educação para mulheres, em particular, mulheres de vida comum, donas de casa, operárias, etc..

De forma significativa, as mulheres sempre enfrentaram e ainda enfrentam dificuldades cotidianas de acesso à educação. Em sua maioria, o trabalho acarreta a falta de tempo na educação, (atenção) dos filhos o que dificulta também sua permanência na escola.

Alguns avanços só puderam ser sentidos com o processo de redemocratização do país, a partir dos anos de 1980, especialmente, com o reflexo dos movimentos de lutas de mulheres e de organizações internacionais como a UNICEF e a UNESCO, que passaram a reivindicar maiores espaços e incentivos a educação das mulheres na EJA, como um recurso fundamental de superação das desigualdades sociais e de gênero, uma vez que, em geral, preconizava-se a participação alfabetizadora de mulheres oriundas das camadas sociais de menor poder aquisitivo, vivendo na linha da pobreza e da miséria e sob a absoluta dependência masculina.

Nesse sentido, instituições e movimentos sociais, buscaram aproximar às políticas da EJA dos anseios de milhares de mulheres no país que, em regra, buscaram na educação um caminho de autonomia e melhoria nas condições de vida, como forma de romper com a crença construída historicamente do poder do homem sobre as mulheres, condições dadas como naturais e inevitáveis.

Portanto, o retorno a escola, tem representado um dos principais elementos de estratégia educativa para o enfrentamento da pobreza e do desemprego, ganhando espaço também como fator educativo e cultural, em função dos benefícios que a sua educação poderia reverter, não só em seu favor, como ainda em favor de seus/ suas filhos/as.

O retorno gradual ou mesmo a nova inserção das mulheres na EJA exige também, uma postura nova na organização desta. O enfrentamento tem demandado mudanças profundas, não somente na legislação, mas, na mudança de estrutura de um modelo educativo conservador, que não considera a realidade social das mulheres, jovens e adultas, oriundas de famílias pobres, pais analfabetos, a grande maioria trabalhadora com

empregos não qualificados. Em sua maioria, tiveram que abandonar os estudos precocemente para poderem se dedicar ao trabalho, em serviços atribuídos ao papel da mulher, como doméstica, cuidadora de crianças e cozinheira.

Por fim, apesar das inúmeras dificuldades e obstáculos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), as mulheres têm buscado romper as fronteiras das desigualdades, em especial, das desigualdades de gênero. Condições que tem propiciado ampliar sua visão de mundo, para manter-se atualizada e em condições de maior participação nos espaços de cidadania.

3 NARRATIVAS DE MULHERES NA EJA

Neste capítulo discorreremos sobre as narrativas de duas mulheres que vivenciam a EJA atualmente. São elas: Jaqueline, 32, casada e mãe de uma filha. Maria do Desterro, 40 anos, também casada e sem filhos.



Foto 1: Jaqueline, 32, casada e mãe
Arquivo: fonte de pesquisa.



Foto 2: Maria do Desterro
Fonte: Arquivo pessoal

Antes de revelar as narrativas destas duas mulheres é importante resaltar alguns pontos no que diz respeito à trajetória de vida de mulheres inseridas na educação de jovens e adultos. Nesse sentido trago à tona a memória de mulheres que, ao longo da história tiveram seus direitos negados, roubados e negligenciados por um país e uma sociedade que nos dias atuais ainda passa por transformações consideráveis. São dificuldades enfrentadas pelas mulheres no decorrer da sua trajetória tanto no ponto de vista social como educacional. Com isso podemos usar as experiências dessas mulheres para trazer contribuições às práticas educativas, aqui em especial à Educação de Jovens e Adultos, pois a escola é um lugar de troca de experiências como afirma Streck (p.4)

As práticas educativas, nos diversos contextos, podem alimentar-se dessa riqueza de experiências que brotam em muitos setores da sociedade. Mais importante ainda, podem coloca-se junto nessa diversidade de movimentos que a sociedade realiza e procura se protagonistas. No caso da escola, por exemplo, pode significar abrir portas para o grupo de mulheres não apenas para usarem uma sala para reunião, mas para trazerem as suas experiências para crianças e jovens.

Nessa perspectiva esse trabalho tem o intuito de trazer reflexões e contribuições no campo da educação, demonstrando a importância das trocas de experiências dentro de uma sociedade que está em constante transformação.

Ao voltamos ao passado para entender a educação, nos deparamos com um contexto histórico cheio de armadilhas, desencontros, desigualdade, preconceitos e diversas características que fizeram e fazem parte desse cenário educacional. Se o cenário educacional foi cheio de dificuldades, o que falar então da educação direcionada para mulheres, durante muitos anos a mulher ficou presa no mundo onde quem governava sua vida eram seus pais ou seu marido, para aquelas que estavam casadas.

Depois de muitos avanços e conquistas em relação à educação, mesmo quando o ensino público primário gratuito e obrigatório tornou-se um direito de todos, ainda foi possível encontrar inúmeras dificuldades que impediram a mulher de alcançar os seus objetivos, sejam eles acadêmicos ou sociais. Nesse sentido é que destaco as alunas da educação de jovens e adultos. Isso

porque, o passado se torna presente e o presente voltasse ao passado, como descreve Ferreira (2004,p.364)

Na recuperação do passado, fantasia e realidade, consciência e inconsciência se soma na história de vida que, pela própria natureza se estriba na intersubjetividade: é o olhar e ser olhado. É o sujeito desdobrado em várias facetas, o único capaz de reconstruir o seu passado [...]

Se há muitos anos as mulheres eram impedidas de estudar, trabalhar e decidir seu próprio destino, nos dias atuais essa realidade parece ainda estar presente na vida de muitas delas. Ao investigar a trajetória de algumas mulheres inseridas na EJA, pude constatar que, dificuldade financeira, família desestruturada, situações de risco, pobreza, falta de oportunidade e direitos negados, fizeram com que estas mulheres deixassem de estudar para sustentarem suas famílias, casaram-se na intenção de mudar de vida, tiveram filhos e por conta da maternidade não tiveram condições de voltarem a estudar novamente. As implicações devido à falta de alfabetização foram dolorosas e marcantes. As mesmas relataram que encontraram dificuldades de voltar ao mercado de trabalho, não conseguiram auxiliar seus filhos nas atividades escolares de nível fundamental sofreram preconceitos por parte de seus familiares, tiveram suas vidas engessadas devido a não alfabetização no período regular.

Devido a inúmeros desafios estas mulheres ainda tiveram de enfrentar duras realidades, que surgem com a falta de oportunidade de ter uma educação básica, por exemplo, não conseguindo oportunidades de emprego para se sustentarem, ficando presas financeiramente a seus maridos ou filhos, e mesmo quando elas conseguiam algum emprego foram impedidas de serem promovidas por conta de sua baixa escolarização, nem tão pouco lhe foi permitido o acesso a cursos de nível superior, ocasionando diversas exclusões em setores da sociedade atual.

Na sociedade contemporânea os indivíduos precisam se locomover socialmente, para que esta locomoção ocorra de forma adequada faz-se necessário que o sujeito tenha um conhecimento básico da leitura e da escrita. É por esse motivo, que as implicações da falta destes conhecimentos deixam

as mulheres que estão fora da educação básica sem uma participação socialmente ativa.

Por sua vez, essas mulheres anseiam a oportunidade através da educação, de terem uma nova chance de inserção e ascensão nos espaços sociais, políticos econômicos e culturais, por entender que alguns setores da sociedade só poderão ser adentrados se os indivíduos tiverem um nível de instrução favorável.

Com a chegada da educação de jovens e adultos no Brasil e a sua polarização as mulheres tem cada vez mais adentrado as escolas nessa modalidade de ensino apesar de uma recorrente repreensão por parte dos pais ou esposos que as impedem de frequentar o ensino regular, mas mesmo assim, tais mulheres vítimas de uma sociedade ainda muito machista tem adentrado ativamente na sociedade buscando a educação através de diversos meios, sejam eles públicos ou privados.

É nesse sentido que o trabalho feminino vem alcançando espaços consideráveis, apesar de um processo gradativo de valorização decorrente de fatores como, especializações e formação acadêmica, características essenciais aos empregados que para muitos contratantes é um divisor de águas na escolha de seus funcionários tendo em vista é claro que tal valorização surge a parti de certo comodismo profissional a que os homens estão sujeitos em uma sociedade ainda machista. Porém apesar de todos esses avanços as mulheres não tiveram as mesmas oportunidades e reconhecimentos que os homens, a partir disso não foi possível equiparar direitos entre homens e mulheres acarretando em uma desvalorização do gênero feminino pela cultura machista existente em nosso país.

Ao iniciar essa pesquisa, na Escola Estadual Débora Duarte, situada na zona sul da cidade de João Pessoa, tive o privilégio de encontrar uma turma da EJA no período da manhã em uma sala com quase vinte alunos, o meu objetivo inicialmente foi perceber as relações entre aluno e professor, em um segundo momento tive a oportunidade de conversar com as três alunas que são consideradas adultas dentro da modalidade EJA, mulheres com idades entre trinta a cinquenta anos, dessas três apenas duas concordaram em contribuir com a pesquisa.

No entanto essas duas mulheres contribuíram significativamente com esse trabalho, devido as suas trajetórias de vidas marcadas por histórias educacionais e sociais cheias de desencontros, emoções, arrependimentos, dificuldades, entre outros pontos que serão desvelados a seguir nas próprias fala das entrevistadas.

Ambas buscaram na EJA uma expectativa de retomada da vida escolar, ou seja, de reorganizar a vida profissional e ter mais liberdade em face das exigências do mercado e do papel da mulher nesse novo cenário de desafios. Para Jaqueline, a vida escolar no passado não foi fácil, sempre marcada por dificuldades vivenciadas na família e nas inúmeras jornadas sacrificantes do trabalho doméstico:

[...] por conta de vida do cotidiano, era muito problema eu ia pra escola e não conseguia esquecer os problemas, aí não conseguia aprender nada por conta disso, a cabeça tava cheia, como se estivesse sobrecarregada... aí você não consegue aprender nada, eu até era boa em algumas matérias e outras [...] (Jaqueline, entrevista – fevereiro de 2014).

Como se percebe na fala da entrevistada, a vida cotidiana agravou, sobremaneira, o avanço da formação regular. Entende-se como problema central ou mesmo dificuldade, o cuidado com o filho, o marido e as atividades domésticas.

No caso de Maria do Desterro os problemas estavam também relacionados ao convívio familiar. A ideia de que cabia a irmã mais velha cuidar, desde cedo, dos mais novos e, ainda, atender às expectativas de atenção para com os parentes mais idosos:

Meu avô faleceu na época, né? Aí pra minha avó não ficar sozinha junto com minha mãe e duas crianças pequenas, no caso eu e minha irmã, que tinha dois anos, aí meus tios compraram a casa aqui em João Pessoa [...] então quando eu chegava da escola, eu cuidava dela, tomava conta, fazia um lanche, porque ela teve trombose, aí ela necessitava de cuidados. Como éramos apenas quatro mulheres, eu, minha mãe, minha avó e minha irmã mais nova. Eu como a mais velha, tinha que ficar ali, levava uma vitamina, fazia um lanchezinho no horário certo, porque ela necessitava de cuidados. (Maria do Desterro, entrevista – fevereiro de 2014).

Como se percebe, mesmo ainda muito jovem, a entrevistada, na condição de irmã mais velha, buscava articular a vida escolar com os cuidados

exaustivos na casa. Em meio ao problema de saúde da avó, cabia a mesma dividir o tempo com a mãe, funcionária assalariada de uma escola. O tempo de estudo efetivo era muito pequeno e com históricos de repetições permanentes, dadas as dificuldades de articular o mundo privado e público:

[...] eu repeti a quarta serie [...] a quinta repeti umas três quatro vezes. [...] Aí eu fiquei revoltada e não quis mais estudar e procurei trabalhar, deixei os estudos e fui trabalhar. (Maria do Desterro, entrevista – fevereiro de 2014).

O histórico de dificuldades vivenciadas no interior da família é, também, visto como causa preponderante na formação escolar da entrevistada Jaqueline:

Meu pai era alcoólatra, ainda hoje é... e tinha muita briga, muita desavença dentro de casa, ele era violento quando bebia, quando ele não bebia ele era outra pessoa, só se tornava agressivo por causa do álcool, aí ele queria bater na minha mãe, nas minhas irmãs, aí foi um infância um pouca assim pra mim com traumas [...] afetou a vida escolar da gente [...] (Jaqueline, entrevista – fevereiro de 2014).

Como se percebe, a vida família e seus traumas cotidianos são decisivos nesse processo. No caso da mulher, o ônus é muito grande, haja vista sua dificuldade em consolidar autonomia do conturbado espaço de crises domésticas.

Nesse processo, a evasão/repetição escolar sempre foram às causas principais de impactos, sobretudo, para as mulheres, condicionadas, historicamente, aos movimentos de conciliação de uma vida privada em crise, com a regularidade escolar, tendo sempre como prejuízo sua formação, tida como desnecessária.

[...] eu não sabia de nada, não entendia nada, na minha cabeça não entrava as coisas, não tinha aquele QI avançado pra pegar as coisas rapidamente, era como se fosse lento o meu aprendizado. (Jaqueline, entrevista – fevereiro de 2014).

Como expressa a entrevistada na fala anterior. O acúmulo de problemas familiares e, sobretudo, a pobreza, impediram de forma consistente o processo de aprendizagem. Nessa questão, há de se destacar que o trabalho intelectual exige do aluno além do tempo regular, condições materiais mínimas na sua formação.

[...] procurei me focar mais, estudar mais, me empenhar mais aos estudos [...] não repeti mais a sexta, na sétima e na oitava eu passei direto. Na oitava série eu ainda trabalhava o dia e a noite estudava e terminei a oitava série e conclui, foi quando eu conheci meu esposo, a gente ficou um tempo junto, depois a gente se casou, eu abandonei os estudos e engravidei de Nathalia. Não tinha com quem deixar e eu me acomodei um pouco e não procurei terminar os estudos. (Jaqueline, entrevista – fevereiro de 2014).

Trabalhar ao dia e estudar a noite, essa sempre foi uma dificuldade enfrentada pelas entrevistadas. O acúmulo de atividades, decorrente também das desigualdades de gênero, é a marca na vida das mulheres. Ou seja, é preciso priorizar a casa e dar ao provedor, o marido, as melhores condições de vida e trabalho.

Nesse tempo sem frequentar a escola, eu fiquei trabalhando, sempre tive vontade de voltar a estudar, mas o tempo dificultava, mesmo assim saía em busca de emprego. (Maria do Desterro, entrevista – fevereiro de 2014).

Sempre o trabalho, seja em casa ou fora de casa é percebido como antítese ao tempo de dedicação escolar. Assim, a sobrevivência ou o cuidado com a família, acaba empurrando a opção escolar para um segundo plano. As consequências desse afastamento da formação escolar são identificadas nas condições atuais pelas entrevistadas:

Vejo que hoje é preciso primeiro conquistar os estudos [...] e eu sei que eu poderia ter concluído naquele período, porque hoje eu estou com quarenta anos, agora é bem mais difícil né? (Maria do Desterro, entrevista – fevereiro de 2014).

A família do meu marido é de pessoas formadas, elas olham pra mim assim [...] me humilhando [...] por conta do pouco estudo [...] dizem que não tenho condição de arrumar um trabalho. (Jaqueline, entrevista – fevereiro de 2014).

A opção pela retomada dos estudos, como já ressaltamos anteriormente, passa a ser vista pelas entrevistadas, como condição de cidadania, de mudança no status quo, condição de superação de dificuldades e novas expectativas de vida em sociedade:

Venho pra escola com a minha filha aí quando eu saio daqui ela toma banho organiza as coisas delas eu dou almoço e levo pra escola. Tenho que me virá nos trinta pra deixar tudo pronto. E eu estou correndo justamente porque eu perdi lá no passado e hoje é até a minha motivação. Depois de concluir eu penso em fazer uma faculdade [...] eu não sei se até lá Deus vai me dar forças, porque a gente tem que ter um objetivo [...] eu acho assim... eu tenho 32 anos, eu acho que nunca é tarde pra você correr em busca de seus objetivos [...] Já não penso como pensava antes, acho que por conta da idade [...] penso em me especializar em alguma coisa, eu puxo mais para o lado da medicina, como na família tem muito gente que trabalha na medicina, eu penso em fazer um curso de enfermagem, mas, para trabalhar como enfermeira chefe, estudar mais um pouquinho, pra ganha até mais. O meu sonho é esse. (Jaqueline, entrevista – fevereiro de 2014).

[...] Já chorei muito, já senti muito, acho que eu sofri muito [...] Até chegar o momento de eu dizer, não, agora eu vou voltar. Eu tenho em mente de eu chegar a fazer Direito. A minha mente hoje é outra. Existe um propósito, mas, eu acho que pra começar tudo tem de está dentro de você, se você acreditar se você buscar, você consegue pode com certeza chegar bem mais além, além do que você pode está pensando ou fazendo [...] não existem cadeados e nem travas, Deus te deu o livre arbítrio pra isso, conhecimento pra gente ir lá fora buscar e creio que se você fizer, se você for em busca e desejar, com certeza você vai alcançar. (Maria do Desterro, entrevista – fevereiro de 2014).

Percebemos que os sentimentos de euforia são patentes nas falas das entrevistadas, ou seja, a inserção na EJA ou reinserção escolar é, antes de

tudo, reveladora de expectativas renovadas, de reelaboração e abertura aos novos sonhos e desafios que se apresentam no mundo do trabalho. Nesse quesito, ambas compreendem que sem a formação educacional perderiam espaços e, portanto, apostam na transformação de vida retomando os caminhos da aprendizagem escolar.



Foto 3: Imagens da Escola Estadual Profa. Débora Duarte (EJA)
Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 4: Imagens do interior Escola Estadual Profa. Débora Duarte (EJA)

Fonte: Arquivo Pessoal

Além disso, o conhecimento se constitui de legado para gerações futuras, é o que afirma a entrevistada a seguir:

Meu sonho é levar o conhecimento a outras pessoas [...] questão de oportunidade que muitos acham que não conseguem ter, mas, as vezes é preciso apenas um incentivo de outras pessoas que já passaram por certos problemas, para que com uma pequena palavra eles possam absolver isso e dar continuidade. (Maria do Desterro, entrevista – fevereiro de 2014).

Portanto, a partir das entrevistas realizadas com Jaqueline e Maria do Desterro, podemos afirmar que, o significado de reinserção escolar na EJA, mas do que possibilitar o alcance da cidadania para mulheres, cria também condições para superação das desigualdades de gênero, tanto no interior da família, da vida privada, como na abertura de novos espaços na vida pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar e compreender os porquês de algumas mulheres estarem em salas de aula, mesmo após um dia de labuta fora ou no interior do lar, nos constantes afazeres domésticos.

Nas entrevistas semi-estruturadas realizadas e pautadas na história oral, foi possível entre outras questões, perceber o significado da reinserção escolar na Educação de Jovens e Adultos, como mola propulsora das transformações de vida de mulheres, em particular, no enfrentamento cotidiano das desigualdades de gênero.

Oriundas das camadas populares, ambas enfrentaram inúmeras dificuldades para superar as contradições impostas como inegociáveis: trabalhar, estudar, ser mãe e esposa. Em regra, a opção pela família impôs dificuldades à manutenção da escolarização regular, sendo esta sempre sacrificada como “natural”.

Apesar dos percalços, é patente nas narrativas de Jaqueline e Maria do Desterro, a expectativa renovada de reelaboração e abertura aos novos sonhos e desafios que se apresentam no mundo do trabalho.

Ambas percebem como natural o retorno ao trabalho na vida pública e apostam na ascensão social como decorrente desse novo momento de suas vidas.

Em suas entrevistas, ultrapassar essa barreira é fundamental para vencer o passado de fragilidades, imposições, limitações e negação da cidadania.

Percebemos também que há na vida de ambas entrevistadas, um processo de relações negociadas, fundamental na transição e transformação da família de tradição patriarcal. Há uma abertura e até mesmo apoio dos esposos, na reconfiguração das tarefas, antes exclusivas da mulher, como afirma Jaqueline: “Eu conheci meu marido, que me apoia em tudo, aconselha ir em frente, me arriscar”. (Jaqueline, entrevista – fevereiro de 2014).

Portanto, evidencia uma nova forma da família pensar o papel da mulher em sua organização, bem como, o significado de sua participação no trabalho privado e colaboração no sustento. Assim, a educação em sua formação, é

reconhecida como necessária aos processos de conquistas almejadas pelas entrevistadas.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. 2. Ed. São Paulo: UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópole: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **A história hoje**: dúvidas, desafios e propostas. Estudos históricos. Rio de Janeiro. V. 7, n. 13. 1994.

_____. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2 ed. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

DANILO R. Streck, **Capítulo I – movimentos sociais, práticas educativas e movimentos sociais na América Latina: aprender nas fronteiras**

DOCUMENTO UNESCO: Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil: Lições da prática. Brasília: MEC/UNESCO, 2008.

FERREIRA, Berta Weil e FERREIRA, Lira Weil. **História de mulheres: o processo de identidade**. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org) A Aventura (auto) biográfica: teoria e empiria.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

LE GOFF, J. **A Europa explicada aos jovens**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. [original: 1996d].

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

MACHADO, Charliton José dos Santos Machado & NUNES, Maria Lúcia da Silva. (Orgs). **Educação e educadoras na Paraíba do século XX**: práticas, leituras e representações. Vol.2. João Pessoa: Editora UFPB, 2011.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. (Orgs.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

POLLAK, Michael. **Mémória e identidade social**. In: Estudos históricos. Vol. 5, nº 10. Rio de Janeiro, 1992.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<http://www.catedraunescojea.org/GT08/POS/POS001.pdf>

http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/003_afonso_celso_scocuglia.pdf

ANEXOS